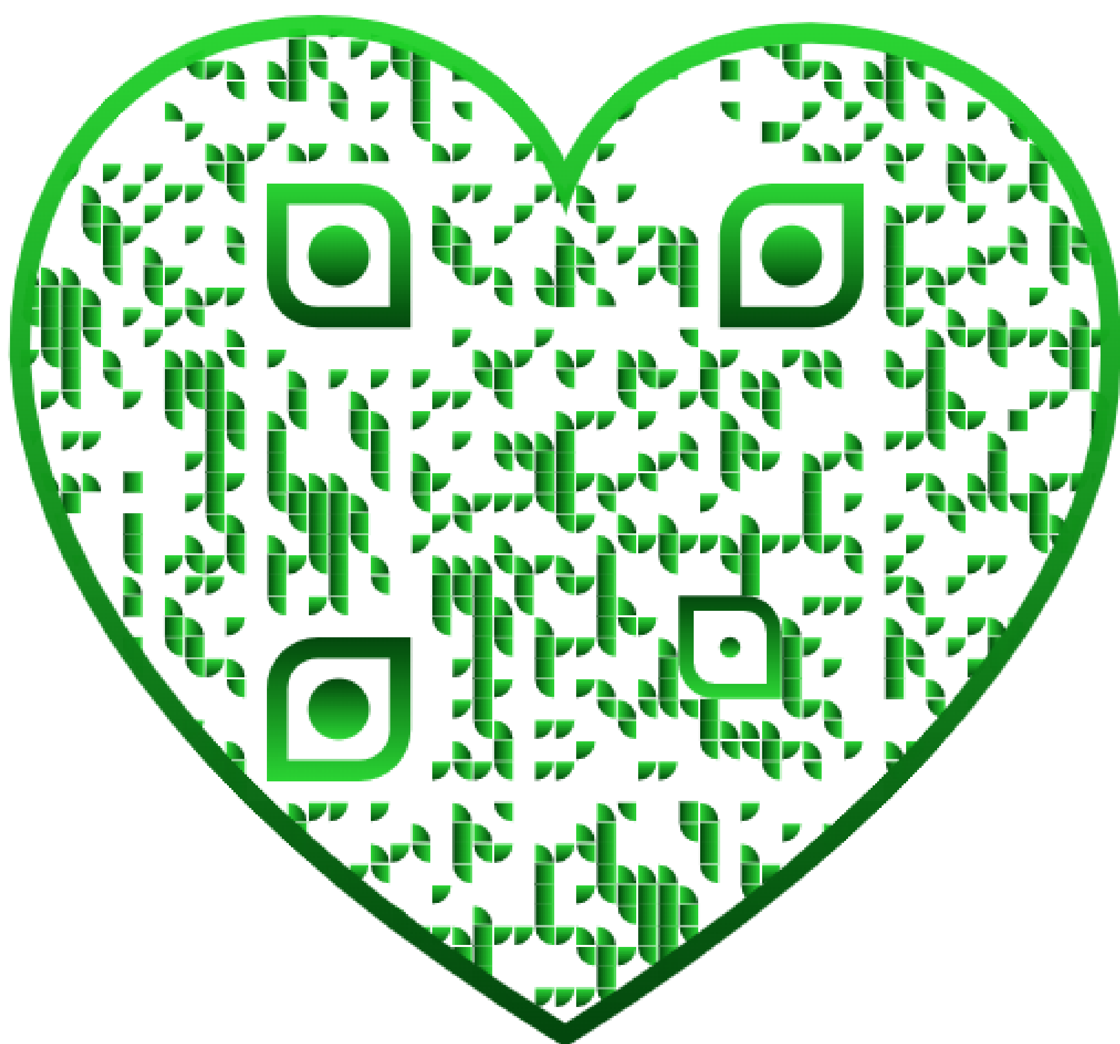
O Estudante de Humanidades

Hermann Hesse



DO MEIO das velhas construções muito juntas e das estreitas ruelas da antiga e pequena cidade destacava-se um casarão imenso, com suas numerosas janelas e sua escadaria de degraus já gastos pelo tempo e as botas de várias gerações. Tinha um ar simultaneamente digno e medíocre — e era exatamente isso o que também sentia, a seu próprio respeito, o jovem Karl Bauer, que todas as manhãs e todas as tardes entrava nesse casarão, com a sacola de livros. Aí encontrava ele os prazeres do claro e puro Latim e dos poetas clássicos alemães; aí se debatia com as complexidades do Grego e sofria as humilhantes derrotas da Álgebra, de que no terceiro ano gostava tão pouco quanto no primeiro; além disso, era sempre com deleite que escutava alguns dos velhos e simpáticos professores, de barbas grisalhas, ao passo que sofria, não poucas vezes, nas mãos dos professores mais jovens e impacientes.

Não muito longe do prédio do colégio estava localizada uma antiga mercearia, onde continuamente se via entrar e sair gente que subia e descia os encardidos e úmidos degraus da porta sempre aberta e se espalhava no escuro corredor do armazém, que cheirava a álcool, sebo, petróleo e queijo. Por aí tinha Karl de passar diariamente, pois seu quarto ficava na mansarda dessa casa; como pensionista da mãe do merceeiro, obtivera cama, mesa e roupa lavada a dois passos do colégio.

Assim como era escura e feia a loja, tudo era luminoso e agradável lá em cima; no quarto de Karl brilhava o sol o tempo todo em que permanecesse no céu, e, da janela, avistava-se mais de metade da cidade, cujos telhados ele conhecia como as palmas das mãos e seria capaz de mencionar um por um.

Das muitas coisas boas que com abundância havia na loja, raras eram as que subiam pela íngreme escada ou, pelo menos, nunca chegavam ao prato de Karl Bauer; a mesa da velha Sra. Kusterer não era o que se pudesse chamar farta e o moço nunca conseguiu se levantar satisfeito da mesa. Apesar disso, Karl e a patroa conviviam amigavelmente e o quarto dele pertencia-lhe tanto como a um nobre príncipe o seu castelo. Ninguém o incomodava lá em cima e podia fazer tudo o que quisesse — e Karl fazia muita coisa. Além dos dois abelheiros, de vistosas plumagens, que ele tinha numa gaiola, Karl instalara uma oficina de marceneiro e um forno em que fundia chumbo e estanho; no verão, juntava num caixote, com a abertura vedada com tela de arame, cobras cegas, lagartixas, cobrelos, osgas, que sumiam regularmente, de tempos em tempos, através dos buracos da rede. Karl possuía também um violino e, quando não lia nem trabalhava de marceneiro, que era seu passatempo favorito, então tocava violino a qualquer hora do dia ou da noite.

Assim organizara o jovem estudante seus prazeres domésticos e era difícil que tivesse algum dia aborrecido. Além do mais, não lhe faltavam livros, que ele tomava de empréstimo onde quer que visse algum de interesse. Lia sobre os mais variados assuntos, mas, naturalmente, tinha mais inclinação por uns do que por outros; seus temas prediletos eram as lendas e sagas antigas e os dramas históricos em verso.

Tudo isso, tão nutritivo para o espírito, não era capaz de saciar, porém, a eterna fome de Karl. Por isso, quando ela apertava, descia furtivamente, silencioso e lépido como um jaguapé, os escuros e decrépitos degraus até ao armazém, onde se derramava uma pálida réstia de luz. Não era raro encontrar, sobre os caixotes, um naco de bom queijo, ou uma barrica de arenques cheia até a metade, ou um par de lingüiças. Nos dias bons, ou quando Karl, sob o pretexto de dar uma ajuda, entrava decididamente na loja, chegavam aos seus bolsos mãos cheias de ameixas secas, pedaços de pêra cristalizada e guloseimas semelhantes. Essas incursões, porém, não as fazia por cupidez gulosa nem com a consciência pesada, mas, em boa parte, com a inocência do faminto e, também em parte, com os sentimentos do bom ladrão, que não sabe o que é ter medo da gente e enfrenta o perigo com o secreto orgulho e a fria generosidade de um Robin Hood. Só que o beneficiário dessas incursões justiceiras era ele próprio. Parecia a Karl estar perfeitamente de acordo com as decentes leis da ordem universal que o que a velha patroa avara-mente lhe subtraía às refeições fosse retirado da superabundante câmara de tesouros do filho dela.

Esses hábitos, ocupações e passatempos deviam, ao lado da escola toda-poderosa, bastar, de fato, para encher as horas e os pensamentos do jovem Karl. Entretanto, ele estava muito longe de se considerar satisfeito. Em parte para enciumar e irritar os colegas, em parte como fruto de suas leituras estéticas e ainda em parte porque, nessa época, sentindo pela primeira vez os inebriantes anseios de um coração adolescente, decidiu pisar os sedutores mas ardilosos terrenos das paixões amorosas. E, como já sabia de antemão que, sem esforço concreto e iniciativa, não teria grandes probabilidades de atingir sua meta, abandonou qualquer pretensão de modéstia e dedicou logo suas atenções à mais bela moça da cidade, filha de uma abastada família e que, só pela elegância e finura do trajar, deslumbrava até as demais donzelas de sua idade. Resolvido a cortejá-la, nosso estudante passeava diariamente diante da casa dela e quando a encontrava à janela ou se cruzavam na rua, Karl tirava o chapéu numa vênia tão profunda e respeitosa como nunca fizera ao reitor.

Assim corriam as coisas quando, por mera casualidade, um acontecimento fortuito veio dar novas cores à existência de Karl e abriu um novo portão para sua vida.

Uma noite, no fim do outono, Karl, insatisfeito com a xícara rala de café com leite que lhe coubera como jantar, foi impelido pela fome para mais uma de suas incursões. Deslizou silenciosamente pela escada e passou em revista o armazém. Depois de uma exploração meticulosa, viu um prato de barro com uma grossa fatia de queijo holandês, em sua casca vermelha, um pão escuro cortado ao meio e duas peras-d'água, de tamanho e cor muito sugestivos.

O faminto poderia, com um pequeno esforço, ter adivinhado que essa merenda se destinava ao patrão e ali fora deixada, por instantes, pela criada, chamada a executar alguma tarefa urgente. Mas, no fascínio da inesperada visão, Karl preferiu aceitar a idéia de que com a inocência do faminto e, também em parte, com os sentimentos do bom ladrão, que não sabe o que é ter medo da gente e enfrenta o perigo com o secreto orgulho e a fria generosidade de um Robin Hood. Só que o beneficiário dessas incursões justiceiras era ele próprio. Parecia a Karl estar perfeitamente de acordo com as decentes leis da ordem universal que o que a velha patroa avaramente lhe subtraía às refeições fosse retirado da superabundante câmara de tesouros do filho dela.

Esses hábitos, ocupações e passatempos deviam, ao lado da escola toda-poderosa, bastar, de fato, para encher as horas e os pensamentos do jovem Karl. Entretanto, ele estava muito longe de se considerar satisfeito. Em parte para enciumar e irritar os colegas, em parte como fruto de suas leituras estéticas e ainda em parte porque, nessa época, sentindo pela primeira vez os inebriantes anseios de um coração adolescente, decidiu pisar os sedutores mas ardilosos terrenos das paixões amorosas. E, como já sabia de antemão que, sem esforço concreto e iniciativa, não teria grandes probabilidades de atingir sua meta, abandonou qualquer pretensão de modéstia e dedicou logo suas atenções à mais bela moça da cidade, filha de uma abastada família e que, só pela elegância e finura do trajar, deslumbrava até as demais donzelas de sua idade. Resolvido a cortejá-la, nosso estudante passeava diariamente diante da casa dela e quando a encontrava à janela ou se cruzavam na rua, Karl tirava o chapéu numa vênia tão profunda e respeitosa como nunca fizera ao reitor.

Assim corriam as coisas quando, por mera casualidade, um acontecimento fortuito veio dar novas cores à existência de Karl e abriu um novo portão para sua vida.

Uma noite, no fim do outono, Karl, insatisfeito com a xícara rala de café com leite que lhe coubera como jantar, foi impelido pela fome

para mais uma de suas incursões. Deslizou silenciosamente pela escada e passou em revista o armazém. Depois de uma exploração meticulosa, viu um prato de barro com uma grossa fatia de queijo holandês, em sua casca vermelha, um pão escuro cortado ao meio e duas peras-d'água, de tamanho e cor muito sugestivos.

O faminto poderia, com um pequeno esforço, ter adivinhado que essa merenda se destinava ao patrão e ali fora deixada, por instantes, pela criada, chamaaa a executar alguma tarefa urgente. Mas, no fascínio da inesperada visão, Karl preferiu aceitar a idéia de que um ser benfazejo e caridoso lhe enviara o maná; e, com sentimentos de gratidão, preparou-se para devorá-lo.

Antes de Karl terminar de comer os últimos pedaços, surgiu à porta do armazém a criada Babett, com suas pantufas silenciosas e uma vela na mão, surpreendendo, com olhos arregalados de espanto, o nefando delito. O jovem gatuno ainda tinha o último pedaço de queijo entre a mão e a boca e ficou paralisado, enquanto sentia que tudo desmoronava à sua volta e ele afundava num abismo de vergonha. Assim permaneceram dois imóveis, por alguns minutos, iluminados pela vela bruxuleante. À vida por certo ofereceria ainda ao audacioso estudante muitos momentos dolorosos mas nenhum, com certeza, mais embaraçoso do que esse.

— Mas que coisa! — conseguiu Babett exclamar, por fim, olhando para o malfeitor, murcho como um condenado à forca, — Mas que coisa! — repetiu Babett.

— Tu não sabes que isso é roubo?

— Sei, sim. Claro que sei.

— Meu Deus do Céu! E mesmo assim o fizeste? Como pudeste?

— Estava por aí, Babett, e pensei que...

— Pensaste o que, rapaz?

— Pois como eu estava com fome...

Quando a criada ouviu essas palavras, abriu a boca e encarou o coitado com uma expressão de infinita surpresa e compaixão.

— Passas fome? Então, lá em cima, não te dão bastante de comer?

— Pouco, Babett, muito pouco. E na minha idade, sabes como é...

— Ah, essa não! Pois está bem. Come o resto do queijo, vá! E as peras, já comeste as peras?

— Ainda não. Estão aqui no bolso para comê-las lá em cima.

— Podes levá-las e comê-las. Na cozinha tem mais de tudo, não te preocupes. Mas agora é melhor que subas depressa, antes que apareça alguém e estrague tudo.

Com estranha sensação na garganta, Karl voltou rapidamente ao seu quarto e comeu pensativamente as peras. Depois, sentiu o coração mais leve, respirou aliviado, espreguiçou-se e foi buscar o violino, executando uma balada de agradecimento a que imprimiu um andamento alegro muito vivo. Mal terminava quando alguém bateu à porta, muito de leve. Karl foi abrir e viu diante da porta a boa Babett, que lhe estendia uma enorme fatia de pão branco, generosamente forrada de manteiga.

Apesar de muito o alegrar aquela visão cheirosa e loura, ele quis recusar, gentilmente, mas Babett não permitiu que o cavalheirismo chegasse a tais extremos.

— Toma, rapaz, e não banques agora o virtuoso. Lá embaixo não estavas com essas cerimônias.

Diante de um tão poderoso argumento, Karl aceitou, agradecido.

— Sabes que tocas muito bem o violino? — disse Babett. — Já te ouvi muitas vezes. Quanto à comida, vou me encarregar disso. De noite, poderei sempre trazer alguma coisa, ninguém precisa saber. Ela poderia te alimentar muito melhor, pois sei que teu pai lhe paga uma gorda pensão. Não está certo.

Mais uma vez Karl, timidamente, tentou recusar a ajuda, mas a velha criada não lhe deu ouvidos e ele facilmente se conformou. Por fim, foi estabelecido um acordo: nos dias em que estivesse passando fome, Karl deveria, ao chegar a casa, assoviar na escada a canção *Güldne Abendsonne* (Poente Dourado) e ela lhe traria comida. Se ele nada assoviasse ou fosse qualquer outra cantiga, era porque estava satisfeito. Comovido e grato, Karl colocou sua mão na dela, áspera e grande, e um aperto de mão selou a santa aliança.

Daí em diante, o jovem estudante desfrutou com emoção e deleite dos cuidados e desveles de um coração feminino como não acontecia desde seus tempos de criança, pois seus pais viviam no campo e muito cedo o haviam colocado numa pensão. Agora revivia esses tempos em casa, pois Babett velava por ele como uma verdadeira mãe, o que, pela sua idade, poderia muito bem ter sido. Ela andava pela casa dos quarenta e era dotada de uma natureza férrea e enérgica; mas a ocasião faz o ladrão e como Babett tinha encontrado, tão inesperadamente, um amigo sensível e agradecido no rapaz, a brandura e desinteressada benevolência despertaram e impuseram-se ao coração inflexível da mulher.

Tais sentimentos favoreciam Karl Bauer, que depressa se habituou aos mimos e, como todos os jovens que, em geral, aceitam as coisas que se lhe oferecem como se fossem uma prerrogativa e legítimo direito, o episódio humilhante do armazém depressa foi esquecido e todas as noites se ouvia a *Güldne Abendsonne* com a maior naturalidade deste mundo.

Apesar de toda a gratidão, talvez a ligação de Karl e Babett não tivesse permanecido tão indestrutivelmente viva se seus benefícios se houvessem limitado apenas às coisas de comer. A mocidade é faminta, mas não é menos apaixonada e as relações com jovens não podem conservar por muito tempo seu calor afetivo na base do queijo e presunto, das frutas e do vinho retirados de um armazém. Outros motivos de interesse tinham de existir para que a volubilidade juvenil não acabassem sobrepujando a dedicação afetiva de Karl pela boa e dedicada Babett.

Ora, a velha Babett não era apenas muito respeitada e indispensável na casa Kusterer, mas também gozava de grande popularidade em toda a vizinhança pela sua imaculada honestidade. Onde ela estivesse presente, tudo se passava de maneira correta e alegre. As vizinhas sabiam disso e gostavam que suas próprias criadas, sobretudo as jovens mais impetuosas, se relacionassem com Babett. A quem esta recomendasse, por gozar de sua amizade mais íntima, era acolhida sem preocupações nas casas de família, pois era opinião geral que Babett vigiava as jovens amigas melhor do que se elas estivessem num pensionato de moças.

Depois das lides diárias e nos domingos à tarde, era raro ver-se Babett sozinha. Estava sempre cercada de uma roda animada de criadinhas mais jovens, para quem ela descobria meios de passar o tempo e, simultaneamente, cumulava de sábios e prudentes conselhos. Organizavam-se jogos, torneios de adivinhação e charadas, cantava-se e quem tivesse noivo ou irmão podia levá-lo. Naturalmente, os noivos apareciam uma vez ou duas, mas logo desertavam, pois não podiam brincar com as moças como queriam na presença de Babett. Aventuras amorosas sem intenções sérias ela não tolerava; se uma de suas protegidas enveredava por esse caminho e não escutava suas sérias advertências, era prontamente excluída do círculo e riscada da lista de recomendações.

Nesse animado grupo foi aceito o estudante de latim e talvez tenha aprendido mais aí do que no colégio. Jamais esqueceria a noite em que teve lugar seu ingresso. Foi no pátio do fundo da casa. As moças estavam sentadas nos degraus e em caixotes vazios; começara a escurecer e, por cima do pátio, via-se um retângulo de céu azul-escuro, donde se desprendia ainda uma claridade suave. Babett sentara-se diante do

portão, sobre um pequeno barril, e Karl mantinha-se, timidamente, ao lado dela, encostado a um dos batentes do portão; nada dizia e limitava-se a olhar, na penumbra, os rostos das moças. Ao mesmo tempo, pensava, um tanto inquieto, no que seus colegas diriam se soubessem daquelas reuniões noturnas.

Ah, aqueles rostos de meninas! A quase todas ele já conhecia de vista, mas nunca as vira assim juntas, a meia-luz, completamente diferentes do que eram durante as lides diárias e pousando nele olhares repletos de enigmas. Ainda hoje se lembra do nome de todas, dos traços do rosto fresco e corado, e da história de muitas delas. Que histórias! Quantos golpes do destino, quantos passos impetuosos e, também, quanta inocência encantadora nessa humilde vida de criada!

Ali estava a Anna, que trabalhava na Grünen Baum. Muito novinha ainda, roubara no primeiro emprego e estivera presa um mês num reformatório. Mas, agora, era tida na conta de moça dedicada e honesta e seus amos consideravam-na um verdadeiro tesouro. Era uma das prediletas de Babett. Tinha grandes olhos castanhos, a boca firme e enérgica, e ficava silenciosa em seu lugar, olhando para Karl com uma curiosidade fria. Seu amor que, na época do caso de polícia, a abandonara, tinha casado com outra e já enviuvara. Agora corria atrás de Anna como um desvairado, queria a todo o custo que ela lhe pertencesse, mas a moça resistia, comportava-se como se não quisesse saber mais dele, embora — no íntimo — gostasse tanto do homem viúvo como gostara do solteiro.

Margret, a que trabalhava na oficina do encadernador, estava sempre alegre, cantava e brincava muito, e tinha reflexos de sol nos cabelos ruivos e crespos. Vestia com cores alegres, arranjava um enfeite bonito para acrescentar um toque de graça feminina a suas roupas vistosas, mas modestas, pois nunca lhe sobrava dinheiro para maiores gastos; tudo o que ganhava era enviado ao padrasto, que o gastava em bebida e não tinha sequer uma palavra de agradecimento. Mais tarde, Margret enfrentara uma vida difícil, com um casamento infeliz, terminando por abandonar o marido, mas o infortúnio não lhe quebrou o ânimo de luta e continuava a ser a mesma moça graciosa e bonita, sempre limpa e arrumada. Sorria menos vezes, mas, quando o fazia, seu rosto ficava mais atraente do que nunca.

E assim era a vida de quase todas. Poucas alegrias duradouras, pouco dinheiro e outras coisas agradáveis, em troca de muito trabalho, muitas canseiras e aborrecimentos, mas todas elas, com raras exceções, tinham sabido se defender e permanecer à superfície, corajosas e indestrutíveis lutadoras. E como riam nessas poucas horas de folga, como se alegravam com ninharias, uma piada, uma canção, um punhado de

guloseimas, uma fitinha vermelha para os cabelos! Como tremiam emocionadas se lhes contavam uma triste história de amores torturados, ou se alguém cantava uma balada nostálgica de amores infelizes! Todas elas eram suspiros e ais e grandes lágrimas nos olhos bondosos.

Algumas delas eram menos simpáticas e comunicativas. Estavam sempre dispostas a criticar e a fazer mexericos, mas, quando passavam da conta, Babett as repreendia com severidade. Tinham também carregado seu fardo de amarguras e desilusões mas não se conformavam tão facilmente. A Gret, que trabalhava na residência do Bispo, era amais desconsoladamente infeliz. Sofria muito com as injustiças da vida e ainda mais com a sua virtude. Até a associação das moças não lhe parecia suficientemente austera e pura e, se ouvia alguma palavra mais forte, corava, mordia os lábios e dizia: "Ah, o justo tem de sofrer muito neste mundo de pecados!" O sofrimento de Gret mantinha-se inalterado de ano para ano e, embora não dispensasse a companhia de Babett e seu alegre bando, tampouco a convivência a contagiava para encarar a vida com melhores olhos. Bastava que se pusesse a contar as moedas guardadas, a duras penas, em seu mealheiro, para ficar sentimental e chorar como uma Madalena. Duas vezes tivera oportunidade de casar com mestres artesãos que a cortejavam assiduamente, mas em ambas rechaçou os pretendentes: um deles era leviano e mulherengo, o outro tão virtuoso e tão austero que, ao lado dele, Gret, apesar de todos os castos suspiros e do horror ao pecado, quase se sentia uma cortesã indigna, tão santo era o homem.

Ali estavam todas sentadas no pátio escuro, contando umas às outras seus acontecimentos do dia e esperando que a noite lhes trouxesse alguns momentos de sã alegria e divertimento. As palavras e gestos delas não pareceram a Karl, no princípio, inteligentes e espontâneos, mas, assim que o acanhamento desapareceu, sentiram-se mais desembaraçadas e audazes, e o estudante observava o curioso grupo como um quadro insólito, mas rico de substância humana.

— Este aqui — dise Babett — é o senhor estudante de Humanidades que está hospedado lá em casa.

Ela queria logo passar a contar a história da fome de Karl, mas este puxou-lhe a manga, consternado, e Babett emudeceu.

— Então o senhor deve estudar terrivelmente, não é? — perguntou a ruiva Margret. — Em que é que pretende se diplomar?

— Bom, isso ainda não está decidido. Talvez eu siga a carreira de médico.

A resposta provocou um silêncio respeitoso e todas o observaram, muito atentas.

— Para isso vai ter de deixar crescer primeiro o bigode — comentou Lene, a que trabalhava na casa do farmacêutico.

E todas elas riram, umas discretamente, outras gargalhando, e foi um tiroteio de piadas e gozações, das quais Karl a custo poderia se defender sem a pronta ajuda de Babett para metê-las na ordem. Finalmente, pediram-lhe que contasse uma história. Com tanta coisa que ele tinha lido, não se lembrou senão do conto daquele jovem que saiu de casa para aprender a sentir arrepios. Mal começou, porém, houve nova explosão de risos e piadas.

— Essa já conhecemos há muito tempo! — exclamaram quase em uníssono. E Gret, a que trabalhava na casa do Bispo, acrescentou com desprezo: — Isso é história para crianças.

Karl calou-se, muito encabulado, e Babett falou em seu lugar:

— Da próxima vez ele conta outra. Se vocês vissem como ele tem livros em casa!

Com isso estava ele de acordo e prometeu satisfazê-las completamente no próximo serão.

Enquanto isso, o céu escurecera completamente e, no negrume que cobria o pátio como um dossel, brilhava uma solitária estrela.

— E agora está na hora de se recolherem às suas casas — advertiu Babett.

Elas levantaram-se, sacudiram-se, arrumando as tranças e os aventais, acenaram umas às outras e foram saindo pela porta do fundo do pátio, ou atravessando o corredor e passando pela porta da frente.

Karl Bauer também disse boa-noite e subiu para seu quarto, satisfeito, mas, ao mesmo tempo, dominado por uma estranha sensação de insegurança. Pois, apesar de toda sua prosápia de estudante de Humanidades, não deixara de notar que, naquele grupo, se levava uma vida muito diferente da sua, que quase todas as moças estavam amarradas à vida cotidiana por fortes correntes de amor e desamor, de luta pela sobrevivência num mundo que as tolerava mas não as acolhia como semelhantes; e por detrás dos risos e superficialidades, pressentia em todas uma experiência de vida, um conhecimento de coisas de que ele mal suspeitava e lhe pareciam tão fantásticas como um conto de fadas. E concluiu que valeria a pena investigar, o mais profundamente possível, aquelas criaturas ingênuas, mas às quais a vida cedo impusera um contato com seu lado mais áspero, que Karl apenas vislumbrava em certas poesias primitivas, nos *moritat* e nas canções de soldados. Apesar de tudo, pressentia também que, em muitas coisas, aquele mundo era terrivelmente superior ao seu e temia acabar cedendo à tirania dos

encantos de alguma daquelas moças, levado pela curiosidade e as inevitáveis inclinações masculinas.

Por enquanto, nada transparecera que o fizesse antever a iminência de semelhante perigo. Aliás, os serões com as criadinhas estavam encurtando cada vez mais, pois o inverno já se anunciava e, embora ainda estivesse ameno, esperava-se de um dia para o outro a primeira nevada. Apesar disso, Karl ainda teve oportunidade de contar a história de Henrique "Pirilampo" e Frederico "Pirilampo" — dois amigos que tinham por missão acender os lampiões de gás das ruas da cidade — que ele lera no *Schatzkastlein.* A história foi um sucesso e, embora Karl achasse conveniente omitir a moral do conto, Babett adicionou-a por sua conta e risco, fazendo-o com a habilidade e argúcia que as circunstâncias aconselhavam. Com exceção de Gret, todas as moças elogiaram o narrador pelos seus talentos, passando o resto do serão a comentar os episódios principais. No fim, fizeram-no prometer que voltaria a contar a história num futuro próximo. Karl prometeu mas, nos dias seguintes, fez muito frio e era impossível pensar em reuniões ao ar livre. Entrementes, aproximava-se o Natal e, com isso, surgiram outras idéias e motivos de alegria.

De noite, Karl dedicara-se a entalhar uma bonita caixa de tabaco para seu pai, gravando na tampa um pequeno poema em latim, de sua autoria. Mas os versos não queriam sair com aquela nobreza clássica sem a qual um dístico em latim não pode verdadeiramente existir e, desanimado, gravou apenas *Bom Proveito,* em grandes letras floreadas, e poliu a caixa com cera e pedra-pomes. Dias depois, iniciava ele sua viagem de férias.

Janeiro estava frio e claro, e Karl ia, sempre que tinha uma hora disponível, patinar na pista de gelo. Foi a ocasião em que, um dia, perdeu sua paixão imaginária por aquela bonita moça de família. Seus colegas cortejavam-na assiduamente, aprestando-se a fazer-lhe inúmeros e pequenos serviços de *chevalier servant;* e ele bem se apercebia de que a donzela a todos tratava com a mesma altivez, uma delicadeza fria e algo zombeteira, cheia de coquetismo. Karl atreveu-se um dia a convidá-la a patinarem juntos; não corou nem se engasgou, mas, enquanto fazia o convite, seu coração palpitava de incontida ansiedade. Ela colocou sua pequenina mão esquerda, enluvada de pelica macia, na mão direita e vermelha de frio do rapaz, e ambos deslizaram eufóricos pela pista, num divertimento que só era toldado pelas desajeitadas arremetidas de Karl para iniciar uma conversação galante. Finalmente, ela soltou-se, com um leve aceno de cabeça, e, pouco depois, ouviu-a com as amigas, algumas das quais o olhavam maliciosamente pelo canto dos olhos, rindo tão alto e num tom de tanto escárnio, como só o sabem fazer as moças bonitas e

muito mimadas, que Karl ficou furioso. Aquela atitude era demais para ele e decidiu, indignado, alhear-se da sua "paixão". Passou a sentir um imenso prazer quando, na pista de gelo ou na rua, se encontrava com a "manhosa", como ele agora a chamava, sem cumprimentá-la.

Com certo exagero, é claro, Karl procurava demonstrar a alegria por ver-se livre dessas algemas indignas saindo de noite com alguns colegas, em busca de aventuras mais inconseqüentes. Enquanto estas não aconteciam, entretinham-se a praticar as mais ofensivas molecagens, demonstrando que, apesar de todas suas presunções de pequenos homens, ainda havia neles muito de crianças grandes. Troçavam dos policiais, batiam nas janelas iluminadas dos andares térreos, puxavam sinetas ou prendiam palitos de fósforos nas campainhas elétricas, açulavam os cães de guarda atrás das grades dos jardins particulares, até os animais ficarem exasperados e perturbarem a tranqüilidade da noite com um coro de uivos e latidos, e assustavam as moças e senhoras, nas ruas menos movimentadas da cidade, com fogos juninos, estalidos, busca-pés e outros fogos de artifício.

Durante algum tempo, Karl Bauer sentiu-se deliciado com tais aventuras, vividas sob a capa protetora das noites invernais; uma exuberância impulsiva e, simultaneamente, uma ansiosa febre de riscos inéditos traziam-no excitado e insuflavam em seu coração as mais audaciosas esperanças. Embora a ninguém confiasse seus sentimentos, viveu essa época numa espécie de delírio. Quando voltava à sua mansarda, tocava longamente violino ou embebia-se na leitura de fascinantes livros de aventuras, sentindo-se ele próprio um nobre pirata que, regressando de uma de suas arriscadas pilhagens, pendurava a espada, depois de limpa, na parede e repousava numa caverna suavemente iluminada por alguns cavacos de pinho.

Entretanto, como essas incursões noturnas se resumiram, com o decorrer do tempo, à repetição das mesmas travessuras, nunca acontecendo nada das tão esperadas e autênticas aventuras, Karl começou a perder o interesse em tais divertimentos e, aos poucos, foi se afastando da turma, desapontado e até algo envergonhado por participar daquilo que agora rotulava de criancices. Naquela noite em que ele decidira acompanhar pela última vez os colegas e participava das distrações com muito pouca disposição, aconteceu-lhe, porém, um pequeno incidente que muito o chocou e de conseqüências ainda imprevisíveis.

Os rapazes, que nessa altura eram quatro, passeavam pela Brühelgasse, fazendo planos para aquela noite. Um deles levava um pincenê de latão sobreposto no nariz e todos tinham o chapéu ou o boné

displicentemente jogado para a nuca, numa ostentação de atrevida boêmia. Às tantas, passou por eles uma criadinha, caminhando apressada, que levava uma grande cesta pendente do braço pela alça. Pela tampa da cesta saía um pedaço de fita de seda preta, que flutuava alegremente ao sabor do vento. Num gesto impulsivo, Karl Bauer pegou na ponta da fita e segurou-a. Enquanto a moça seguia seu caminho, despreocupadamente, a fita foi-se desenrolando, desenrolando, e os rapazes riam da travessura. Em dado momento, a moça apercebeu-se do fato, voltou a cabeça e, percebendo que riam dela, precipitou-se como um relâmpago na direção dos rapazes que, desprevenidos, continuavam a rir e troçar. Era jovem, muito bonita e loura. Parou diante de Bauer, deu-lhe um tapa sonoro na cara e, apanhando a fita que caíra no chão, afastou-se rapidamente.

Os rapazes passaram a gozar o punido, mas Karl manteve-se calado e na esquina seguinte despediu-se deles e seguiu para casa.

Sentia uma estranha sensação em seu íntimo. A moça, cujo rosto ele só entrevira de relance, na rua meio escura, parecera-lhe muito bonita e meiga, e a bofetada, apesar do vexame, fora mais agradável do que dolorosa. E quando pensava que praticara uma tola molecagem com a frágil e doce criatura, e que esta o consideraria, irritada, um mero palhaço desocupado, então sim, Karl sentia muita vergonha e remorso.

Caminhou vagarosamente para casa e, desta vez, não assobiou na escada a usual canção. Subiu em silêncio e entrou deprimido em seu quarto. Uma boa meia hora ficou ele sentado na escura e fria água-furtada, com a testa encostada à vidraça da janela. Depois, foi buscar o violino e executou uma série de antigas e plangentes canções de sua infância, muitas das quais não tocava havia mais de cinco anos. Pensou em sua irmã, no jardim de sua casa, no velho castanheiro e na roxa trêsmarias da varanda, e em sua mãe. E quando se deitou, cansado e confuso, Karl, apesar de todo o heroísmo de ma e da busca audaciosa de aventuras intrépidas, começou a chorar baixinho. E continuou a chorar, um pranto suave e silencioso, até adormecer.

Karl granjeara agora, entre os antigos companheiros de digressões noturnas, a fama de medroso e desertor, que nunca mais tomara parte nas aventuras do bando. Em vez disso, preferia passar as noites lendo o *Don Carlos*, os poemas de Emmanuel Geibel e a Hallig de Biematzki; começou um diário e agora só raramente aceitava os caridosos suprimentos,alimentares da boa Babett.

Babett desconfiou de que alguma coisa estava se passando com o jovem e, como já o tomara sob sua asa protetora, apareceu um dia à porta de seu quarto, para averiguar pessoalmente se havia novidade. Não

chegou com as mãos vazias; trouxe um apetitoso pedaço de lingüiça e insistiu com Karl para que o comesse imediatamente, à sua vista.

— Ah, deixa para mais tarde, Babett — disse ele. — Logo como, agora não tenho fome.

Ela, porém, era de opinião de que para um jovem toda a hora é hora de comer e não desistiu enquanto Karl não comeu a lingüiça. Certa vez ouvira falar da sobrecarga de estudo a que obrigam os alunos do colégio e não sabia se atribuía o ar desalentado do seu protegido ao excesso de trabalho ou a algum outro motivo. De qualquer modo, via nesse extraordinário declínio de apetite um mau presságio de doença e metralhou Karl com uma série de perguntas pormenorizadas sobre sua saúde, se respirava bem, se tinha alguma dor, se estaria com lombrigas e, após alguns conselhos e advertências, quis obrigá-lo a tomar um purgante muito popular e de comprovada eficácia. Neste ponto, Karl teve de rir e explicar que estava em perfeita saúde, que a diminuição do apetite provinha, unicamente, de um desgosto recente. Babett compreendeu imediatamente essa possibilidade, em que não pensara antes.

— Por isso nunca mais te escutei assobiar — disse ela, tentando animá-lo. — Bobagem. Acaso te morreu alguém da família? Acho que andas apaixonado, rapaz!

Karl não pôde evitar um súbito rubor, mas rejeitou com veemência a sugestão, afirmando que necessitava apenas de um pouco de divertimento para espairecer e esquecer tudo.

— Ah, se é só isso — exclamou Babett — tenho aquilo que te convém!

Karl olhou-a, intrigado.

— Como é que sabes o que me convém?

— Amanhã casa a pequena Lies — disse ela, animadamente. — Sabes quem é, não? Aquela lourinha de olhos verdes que trabalha na casa da esquina de baixo. Ela já está comprometida há muito tempo com um operário. Pensando bem, poderia ter arranjado coisa melhor, mas o homem *é* direito e apenas dinheiro não é o que traz felicidade a ninguém.

— Babett — interrompeu Karl, pacientemente — em que é que o casamento da Lies com o seu operário pode resolver o meu caso, podes me explicar?

— Tens de ir à festa! A Lies já te conhece e todos ficarão contentes se apareceres na boda e demonstrares que não és nenhum moço vaidoso, com vergonha de lidar com pessoas de classe inferior.

— Claro que não sou! — protestou Karl.

— Então vem conosco. A Anna, da Grünen Baum, e a Gret também vêm. De resto, é uma festa íntima, com pouca gente. A Lies e o noivo não têm dinheiro para grandes coisas e vão dar apenas um jantar em casa. Isso não é motivo para que a gente não fique animada, eh?

— Mas eu não fui convidado — respondeu Karl, hesitante, pois as perspectivas não lhe pareciam muito tentadoras.

— Disso me encarrego eu, fica tranqüilo. E agora me lembrei de uma coisa. Isso, assim ainda será melhor! Tu levas o violino. Por que não? Ora deixe de desculpas tolas. Levas, sim. Vai animar bastante e todos te ficarão gratos pela idéia.

Não tardou muito para que ele estivesse convencido.

No dia seguinte, ao entardecer, Babett foi apanhá-lo. Trajava um vestido de cerimônia que conservava desde os tempos de moça; estava-lhe muito apertado e obrigava a que seus movimentos fossem forçados, mas a boa mulher mostrava-se nervosa e afogueada de alegria festiva. Não consentiu, porém, que Karl mudasse de roupa; somente um colarinho duro e as botas engraxadas, o que ela mesma se encarregou de fazer, apesar do seu vestido de ir à missa. Depois caminharam juntos para a modesta casa do subúrbio, onde o casal de noivos alugara um quarto com cozinha e despensa. Karl levava o violino.

Andavam devagar e com cuidado, pois na véspera começara o degelo e eles queriam chegar pelo menos sem os pés enlameados. Babett carregava um imenso e sólido guarda-chuva enganchado no braço e suspendia com ambas as mãos a saia do vestido, o que não causava a Karl nenhum prazer especial, pois estava um tanto envergonhado de ser visto na rua na companhia dela.

Na modestíssima sala, caiada de branco, estavam sentadas umas sete ou oito pessoas, além dos recém-casados, em redor de uma mesa de pinho dignamente arrumada e dois colegas do noivo e umas primas e amigas da noiva. A ceia festiva consistia num porco assado com salada e um bolo; no chão, ao lado da mesa, havia dois pequenos barris de cerveja. Quando Babett chegou, escoltada por Karl Bauer, todos se levantaram; o dono da casa fez uma vênia tímida e desgraciosa de quem não está habituado a tais protocolos e a sua jovem esposa, mais desembaraçada, encarregou-se das apresentações e de pôr todo mundo à vontade.

— Sirvam-se, sirvam-se... — disse ela, enquanto o noivo colocava dois copos limpos diante de Babett e Karl, enchendo-os de cerveja.

Como não tivessem acendido ainda a luz, Karl, durante as apresentações, não reconheceu qualquer dos convivas, além de Gret.

Durante as felicitações, e após um sinal de Babett, ele entregou ao noivo uma moeda, embrulhada em papel de seda, ao mesmo tempo em que o cumprimentava. Depois empurraram-lhe uma cadeira e Karl sentou-se diante do seu copo de cerveja.

Nesse instante, notou ele, com um sobressalto de espanto, que tinha a seu lado aquela jovem de quem recebera uma bofetada na Brühelgasse. A moça, porém, não parecia tê-lo reconhecido e, pelo menos, olhou-o impassível quando ergueu para ele, gentilmente, o seu copo, em resposta à sugestão do noivo para que se fizesse um brinde. Isso acalmou os temores de Karl fazendo-o atrever-se a olhar para a bonita companheira mais abertamente. A verdade é que, ultimamente, o nosso estudante pensava com muita freqüência naquele rosto, que vislumbrara apenas por breves instantes e nunca mais voltara a ver, e admirava-se por encontrá-lo diferente da imagem que carregara consigo todo aquele tempo: era mais suave e delicado, um pouco mais magro do que supunha, mas, se possível, ainda mais belo e encantador. E, aparentemente, devia ser da idade dele.

Enquanto os outros, sobretudo Babett e Anna, conversavam alegremente, Karl não sabia o que dizer e mantinha-se calado, girando o copo de cerveja entre os dedos. Mas não tirava os olhos da jovem loura a seu lado. Quando pensava nas vezes em que, na solidão do seu quarto, ansiara por beijar aquela boca e estreitar em seus braços aquele corpo esbelto e flexível, quase se assustava, temendo que seu olhar pudesse trair os sentimentos arrebatados que lhe iam no íntimo. E quanto mais a contemplava, mais difícil e absurdo lhe parecia que pudesse alguma vez concretizar seus anseios.

Deixou-se ficar sentado, silencioso e triste, sem participar da tagarelice geral. Então Babett pediu-lhe que tocasse alguma coisa. Karl fez-se rogar um pouco, mas, depois, retirou o violino da caixa, deu algumas arcadas de ensaio e apertou as cravelhas para afinar o instrumento, e tocou uma conhecida canção que, apesar de num tom alto demais, foi logo acompanhada com brio por todos os presentes.

Com isso foi quebrado o gelo e gerou-se uma alegria barulhenta e comunicativa em torno da mesa. Foi trazido um abajur de pé alto, novinho em folha, com pavio de azeite, que projetou no ambiente da pequena sala uma luz mais reconfortante e íntima. As canções eram agora entoadas umas após outras, veio mais um barril de cerveja e quando Karl Bauer tocou uma das poucas cantigas para dançar que sabia, três pares se enlaçaram imediatamente, começando a rodopiar no acanhado recinto.

Perto das nove horas, os convidados começaram a se retirar. A loura faria o mesmo percurso de Karl e Babett e os três seguiram juntos pela rua. Karl atreveu-se então a encetar conversa com a moça.

— Onde é que está servindo? — perguntou ele, timidamente.

— Na casa do comerciante Kolderer, na Salzgasse. É a casa da esquina para a praça.

— Ah, é lá?

— Pois é...

— Sim, naturalmente.

Nova e prolongada pausa. Mas Karl ganhou ânimo outra vez.

— Já trabalha há muito tempo aqui?

— Há meio ano.

— Acho que já a vi uma vez...

— Mas eu nunca tinha visto o senhor.

— Uma vez, à noite, na Brühelgasse. Não se recorda?

— Não. Meu Deus, é impossível lembrar todas as caras com que encontramos na rua! Aliviado, Karl viu confirmado que ela não reconhecera o mole que daquela noite, caso contrário, estava até decidido a rogar-lhe perdão.

Chegaram à esquina da rua onde a moça morava e pararam para as despedidas. Estendeu a mão a Babett e, voltando-se para Karl, disse:

— Boa-noite, senhor estudante. E muito obrigada.

— Obrigada por quê?

— Pela música, foi uma beleza. Então, boa noite. Adeus.

Karl estendeu-lhe a mão quando ela já ia fazer meia-volta e a moça colocou rapidamente a sua na dele. Depois desapareceu.

Quando, ao chegar em casa, se despediu também de Babett, esta perguntou:

— Então, esteve alegre ou não?

— Ah, sim, foi uma festa muito alegre. Achei tudo maravilhoso — respondeu ele, muito feliz.

E estava contente por se despedirem no escuro, pois não gostaria que Babett tivesse visto o sangue quente afluir-lhe ao rosto.

Os dias começaram a ficar mais longos. Dentro em pouco, estariam mais quentes e mais azuis. Nas valas dos caminhos e nas

cisternas dos quintais e chácaras, o velho gelo cinzento já rachava e se derretia; e, nas tardes claras, já pairava nos ares um prenuncio inebriante de primavera.

Não tardou que Babett reiniciasse os seus serões no pátio, com as amigas e protegidas, sempre que o tempo permitia. Karl, porém, mantinha-se distante, envolto na sonhadora nuvem de sua paixão secreta. Deixara morrer ao abandono os espécimes de seu viveiro e nunca mais fizera trabalhos de entalhador. Em compensação, adquirira um jogo de halteres, de tamanho e peso exagerados, e com eles fazia ginástica em seu quarto até ficar extenuado. O violino também andava um tanto abandonado.

Três ou quatro vezes encontrou na rua a loura e esbelta criadinha, achando-a cada vez mais bonita e sedutora. Mas não voltara a falar-lhe nem encontrava um motivo plausível para isso.

Então, num domingo à tarde, o primeiro domingo de março, quando ia sair de casa, ouviu no pátio as vozes animadas das criadas reunidas. Com repentina e excitada curiosidade, caminhou até ao portão, que estava apenas encostado, e espreitou por uma fresta. Viu sentadas Gret e a alegre Margret, da oficina de encadernação, e por detrás delas uma cabeça muito loura que, nesse instante, se voltava para o lado onde Karl espiava. Ele reconheceu a moça, a loura Tine, e teve primeiro de recobrar o fôlego, em seu jubiloso sobressalto, antes de poder abrir a porta e acercar-se do grupo, com aparente calma.

— Nós já tínhamos pensado que você talvez achasse agora a nossa companhia indigna demais para um futuro doutor! — exclamou Margret, rindo e estendendo a mão ao recém-chegado. Babett ameaçou-a com o dedo, enquanto cedia o lugar para que o rapaz se sentasse. Elas continuaram tagarelando e Karl, assim que pôde, abandonou o lugar onde estava e pôs-se a caminhar, displicentemente, de um lado para o outro... até parar ao lado de Tine.

— Ah, você também veio? — perguntou ele, baixinho.

— Sim. Por que não haveria de vir? — respondeu Tine. — E pensei que uma vez ou outra você apareceria. Mas por certo os estudos lhe tomam o tempo quase todo.

— Oh, sempre se pode dar um jeito. Juro-lhe que se soubesse que você freqüentava agora a roda da Babett não teria faltado um dia sequer!

— Ora, ora... Deixe de gentilezas...

— Mas e pura verdade! Sabe, aquele dia, no casamento, foi maravilhoso e nunca mais pude esquecê-lo.

— Sim, estava muito agradável...

— Porque você estava lá, somente por isso.

— Você está brincando. Não devia me dizer essas coisas.

— Juro que não estou brincando. E não quero que fique zangada comigo.

— Zangada por quê? Você não me ofendeu nem me fez mal algum!

— Tem razão. Mas eu tinha tanto medo de não voltar a vê-la!

— E se isso acontecesse?

— Nem quero pensar A Seria até capaz de me jogar no rio...

— Meu Deus, seria uma pena. Com o tempo frio que tem feito, poderia pegar um resfriado...

— Sim, para você, talvez isso fosse um motivo de riso.

— Não, eu não iria rir, com certeza. Mas você diz coisas que põem a gente de cabeça tonta. Cuidado, senão sou capaz de acreditar.

— Acho que deveria fazê-lo, Tine. É assim tão difícil?

Nisto, a voz de Gret sobrepôs-se à dele. Contava ela, num tom indignado e estridente, uma longa historia de horrores sobre uma família que tratava a criada miseravelmente, dando-lhe pouca e péssima comida, e quando a pobre moça adoeceu puseram-na na rua, sem mais nem menos. Quando terminou a narrativa, as outras irromperam num coro de protesto, dizendo que tais abusos não podiam mais acontecer e que as autoridades deviam tomar providências para tais desaforos. Outras afirmavam que ninguém faria caso do que acontecera ou deixara de acontecer a uma pobre criada. Até que Babett pediu calma. No calor da discussão, a vizinha mais próxima de Tine colocara-lhe um braço em torno da cintura e Karl Bauer percebeu que teria de desistir por ora de continuar o diálogo.

Até ao final do serão não conseguiu nova abordagem mas aguardou o momento em que, duas horas mais tarde, Margret deu o sinal para a retirada. Já escurecia e a tarde esfriara muito. Ele disse um adeus breve e saiu apressado.

Quando, um quarto de hora depois, próximo de sua casa, Tine se despediu da sua última acompanhante e caminhou um pequeno trecho sozinha, Karl surgiu-lhe pela frente, aparecendo de súbito de trás de um olmeiro, e saudou-a cordialmente.

Ela assustou-se e olhou-o um tanto irritada.

— Credo! O que é que há com você, senhor estudante?

Karl gaguejou e não disse nada que se entendesse. Ela, porém, compreendeu nesse instante o que o atarantado moço queria dizer e também entendeu que as intenções dele eram sérias; viu à sua frente um jovem perdidamente enamorado e condoeu-se, sem que por isso deixasse, naturalmente, de sentir orgulho e alegria pelo triunfo.

— Não faça tolices — aconselhou Tine, meigamente. E quando percebeu que havia lágrimas reprimidas na voz dele, acrescentou: — Conversaremos outra vez, agora preciso voltar para casa. Você não deve ficar assim tão excitado, está bem? Então, até breve!

Dito isso, Tine deu uma corridinha até à porta de casa, acenando alegremente para trás. E Karl afastou-se devagar, devagar, enquanto a penumbra se adensava e convertia em noite fechada. Caminhou por ruas e praças, passou por jardins, muros, fontes sussurrantes, ultrapassou os limites da cidade e penetrou no campo, voltou para a cidade, cruzou a praça maior, seguiu sob as arcadas da Prefeitura e contornou a construção cinzenta da catedral, mas tudo estava mudado a seus olhos, tudo se convertera em paisagem de um desconhecido país de fábula. Estava enamorado! Estava enamorado de uma jovem e dissera-lhe, e ela não só o entendera mas despedira-se com um promissor "até breve"!

Caminhou horas sem rumo, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças para resguardá-las do frio penetrante. E quando virou na esquina da sua rua, levantou a vista e reconheceu o lugar, despertou do sonho e, sem se preocupar com o adiantado da hora, subiu a escada assobiando forte. Só quando entrou na escura água-furtada da casa da viúva Kusterer parou de assobiar e jogou-se, cansado do passeio e das emoções, sobre a cama dura. E adormeceu logo.

Tine, entrementes, ficara refletindo sobre o possível desfecho do caso. Pelo menos, refletia mais no acontecido do que seu apaixonado, que na febre da expectativa e na excitação do momento, não teria com certeza muito tempo nem ânimo para pensar a frio. Quanto mais meditava, mais a moça achava Karl Bauer um belo rapaz e, por mais que procurasse, não lhe encontrava defeitos que o tornassem antipático ou menos digno de confiança. Também para ela era uma deliciosa sensação saber-se amada por um rapaz tão fino e inteligente — e ainda por cima tão puro que se engasgava e ruborizava ao falar com uma moça. Porém, Tine não admitia, em circunstância alguma, que esse devaneio amoroso viesse a converter-se em algo duradouro e sério, o que só poderia acarretar dificuldades para ambos e, em última análise, estaria fadado a não conduzir a uma solução concreta. Onde já se vira um futuro doutor casar com uma simples e modesta criadinha? Os pais jamais consentiriam. E, quem sabe,

poderia ela vir ser a causa do rapaz abandonar os estudos e destruir sua carreira? Não, ela teria de arranjar um modo de fazê-lo mudar de idéia, enquanto ainda era tempo.

Entretanto, desagradava-lhe profundamente a idéia de magoar o pobre moço com uma resposta cruel ou, ainda pior, deixá-lo preso de uma dúvida, não lhe dando resposta alguma. Teria preferido aconselhá-lo, meio fraternal ou maternalmente, com bondade e humor. As moças, nessa idade, são mais maduras q sensatas do que os rapazes; e uma criada, então, que tem de lutar na vida pelo seu próprio pão e tomar conhecimento, mesmo contra sua vontade, de tantos dramas e conflitos cotidianos, está bem mais adiantada, em experiência, do que qualquer acadêmico, sobretudo quando ele se apaixona e entrega, rendido, à iniciativa de seus próprios atos e ao critério bastante suspeito do coração.

Durante dois dias, os pensamentos e decisões de Tine oscilaram de um extremo ao outro. Várias vezes chegou à conclusão de que uma recusa clara e seca seria a melhor solução, outras, o seu coração se opunha a isso, embora reconhecesse que não estava apaixonada pelo rapaz mas apenas benevolamente inclinada para ele. Se essa simpatia poderia redundar em algo mais sério, isso ela ainda não sabia e esforçar-se-ia por nunca o saber.

Enfim, aconteceu com a moça o mesmo que, em situações semelhantes, ocorre a muita gente boa: pensou tantas vezes as suas resoluções, comparou tanto umas com as outras, que todas acabaram ficando igualmente gastas e, tudo somado, havia as mesmas dúvidas e hesitações do primeiro dia. Quando chegava o momento de agir, não era capaz de fazer nem dizer uma palavra do que antes meditara e resolvera, e entregava-se inteiramente ao sabor dos acontecimentos, tal qual o próprio Karl Bauer fazia.

Karl encontrou Tine na terceira noite após aquela do esperançoso "até breve". À tarde, a moça fora fazer um serviço nas proximidades da casa, e ao vê-la, Karl perguntou:

— Posso ir contigo?

— Não! Nem pense nisso! Sai na frente e vai para casa. Não quero que nos vejam juntos. Já pensaste no que diriam? Vai, sai.

— Então boa-noite, Tine.

— Boa-noite, senhor estudante — disse jà, entre séria e jocosa. — E agora vai!

Karl ainda queria perguntar e pedir muitas coisas, mas, cavalheirescamente, abandonou o portal e seguiu seu caminho, radiante da vida, percorrendo a rua com passo leve, como se o empedrado fosse

um gramado macio, e olhos cegos para o que se passava à sua volta. Sua visão era toda interior e a paisagem que via era deslumbrante como a de um luminoso e exótico país nunca sonhado. Quase não tinham falado, é certo, mas ele tivera na sua a mão de Tine e ela acariciara-lhe os cabelos. Isso lhe parecia, por ora, mais do que suficiente e, mesmo anos depois, sempre que pensava nesses breves instantes, a alma enchia-se-lhe de uma felicidade que nenhum outro acontecimento lhe provocava.

Tine, é claro, quando mais tarde refletiu sobre o episódio, não pôde entender como aquilo acontecera. Contudo, sabia bem que Karl estaria nessa noite vivendo sozinho momentos de arrebatada ventura e esperança; tampouco esquecia a timidez quase infantil do rapaz e, finalmente, não achou nada de grave naquele breve encontro. Pelo contrário, tudo se passara com uma pureza de irmãos. Apesar disso, a moça sentia-se responsável, doravante, pela conduta do apaixonado Karl e tencionava deslindar o fio da meada com a maior moderação e segurança possíveis, até conseguir o desfecho certo. Pois a primeira paixão de uma pessoa, por mais deliciosa e sincera que seja, não passa de um rodeio, antes de se descobrir o verdadeiro rumo. Disso tivera ela a experiência, não fazia ainda muito tempo, sofrendo-a no próprio corpo — e com dores. Agora esperava poder ajudar o rapaz a passar o transe sem danos nem sofrimentos desnecessários.

O reencontro seguinte só ocorreria no domingo, na reunião das amigas de Babett. Tine cumprimentou-o amavelmente, acenou-lhe do seu lugar uma ou duas vezes, sorridente, e incluiu-o amiúde em sua conversa com as companheiras. Enfim, de um modo geral, não parecia comportar-se diferentemente das outras vezes. Para Karl, porém, cada sorriso dela era um presente inestimável, cada olhar era uma chama que lhe aquecia a alma, que o envolvia num arrebata-mento quase doloroso.

Alguns dias depois chegou, finalmente, a oportunidade de Tine conversar claramente com o rapaz. Era um fim de tarde, após a saída do colégio, e Karl tinha ficado a rondar as vizinhanças da casa dela, o que não agradava a Tine. Ela levou-o então por um pequeno jardim até um depósito de madeiras, atrás da casa, que cheirava a serradura e faia seca. E falou seriamente com ele, proibindo-o, sobretudo, de persegui-la e ficar! espreitando; e deixou bem claro o que, em sua opinião, devia fazer um jovem apaixonado da classe dele.

— Podes me ver sempre que quiseres na casa de Babett e de lá poderás sempre me acompanhar, se isso te agrada, mas só até onde as outras também forem comigo, não o caminho todo. Andar sozinho comigo não podes e se não te cuidas, se não prestas atenção aos outros e

não te dominas, então tudo sairá errado. Essa gente tem os olhos em toda a parte e onde vê fumaça logo grita fogo.

— Sim, Tine, mas eu não sou o teu amor? — disse Karl, num tom choroso.

Ela riu.

— Meu amor! Que quer dizer com isso? Dize isso a Babett, ou ao teu pai, lá em casa, ou aos teus professores, e verás o que te respondem. Gosto muito de ti e não quero parecer injusta, mas antes de seres o meu amor terás de ser o senhor de ti mesmo e comeres teu próprio pão. E até lá ainda vai demorar muito. Por enquanto, és simplesmente um estudante apaixonado e se eu não fosse bem-intencionada contigo nem sequer estaria aqui falando no assunto. Mas não deves ficar triste, que não resolve nada.

— Então, que vou fazer, não me dirás? Não gostas de mim, é isso que queres dizer?

— Oh, pequeno tonto! Não é isso que estamos falando. Só quero que sejas compreensivo e não peças coisas que ainda não se pode ter na sua idade. Podemos ser bons amigos, claro, e dar tempo ao tempo, que tudo se resolve como deve ser.

— Achas que será assim?

— Não é o que eu acho. É o que te dirão todas as pessoas sensatas.

Karl baixou a cabeça, tentando arrumar as idéias.

— Tine... — murmurou por fim. — Eu ainda queria te dizer uma coisa...

— O que é?

— Pois, eu queria... Bom, eu gostaria...

— Então fala!

— Não me queres dar um beijo?

Ela observava o rosto ruborizado, a bonita e fresca boca do rapaz, o ar vacilante com que fizera a pergunta. Por um breve instante, esteve quase prestes a fazer-lhe a vontade. Mas reprimiu-se e sacudiu energicamente a cabeça loura:

— Um beijo? Para quê?

— Para nada. Um beijo é um beijo. Não deves ficar zangada por isso.

— Não estou zangada. Mas tu também não deves ficar folgado. Mal me conheces e já queres me beijar! Com essas coisas não se brinca.

Acaso já estamos comprometidos? Mais tarde voltaremos a falar nisso. Agora fica bonzinho. Domingo nos veremos outra vez e podes levar o teu violino, está bem?

— Sim, com prazer.

Ela o despediu e ficou olhando enquanto ele se afastava, caminhando pensativo e algo desanimado. E Tine disse para si mesma que Karl era um bom rapaz e não merecia ser magoado demais.

Embora os conselhos de Tine fossem para Karl uma dose amarga, ele empenhou-se em respeitá-la e não se deu mal com isso. Se bem que tivesse idéias muito diferentes sobre o que era o amor e ficasse, no princípio, bastante desolado, logo resolveu adotar como sua a velha filosofia de que dar é melhor que receber e amar dá mais felicidade do que ser amado.

Não precisava envergonhar-se disso nem esconder seus sentimentos; ao contrário, estava pronto a reconhecer que, se por enquanto não desfrutava das delícias de uma recompensa, a situação de amor unilateral lhe causava uma sensação de prazer e liberdade que o arrancara ao círculo estreito de sua até então insignificante existência, atirando-o para o mundo superior dos ideais e sentimentos sublimes.

Durante as reuniões de Babett, ele aparecia sempre com o violino e tocava algumas canções.

— Como sabes, Tine, isto é unicamente para ti — dizia-lhe Karl, antes de começar a tocar — pois outra coisa não te posso dar nem fazer por ti...

A primavera chegou, salpicando de pétalas vermelhas e amarelas o tapete dos campos, fazendo regressar a seus antigos ninhos as aves de arribação e coroando o azul profundo das montanhas distantes com o verde-claro das novas folhagens. As donas-de-casa colocavam os vasos com jacintos e geramos nas jardineiras pintadas de verde e de azul, diante das janelas. Depois do almoço os homens dos bairros modestos, em mangas de camisa, vinham sentar-se diante da porta de suas casas, para fazer digestão, e à noite voltavam a jogar boliche ao ar livre. Os jovens, mais inquietos, mais alvoroçados e ruidosos, apaixonavam-se.

Num domingo, que amanhecera num azul suave e ridente, Tine passeava com uma amiga pelo verdejante vale, à beira do rio. Pretendiam ir a passeio até Emanuelsburg, às ruínas de um velho castelo escondido no bosque, distante uma hora da cidade. Mas, quando ainda caminhavam pelos arrabaldes, ouviram música alegre numa chácara e, acercando-se, viram um baile campestre sobre um extenso gramado. Resistindo à tentação, prosseguiram seu caminho, em passo mais vagaroso e hesitante;

e, quando a rua fazia uma curva, escutaram de novo, como um sedutor apelo a seus sentidos, o ritmo embalador da música e a agitação dos dançarinos. Mais alguns passos, ainda mais vagarosos, e, finalmente, encostaram-se na cerca, à beira da rua, incapazes de arredar pé, com os ouvidos e os olhos voltados para a alegre festa.

— Ora — disse a amiga de Tine — o velho Emanuelsburg não irá embora tão cedo!

Com isso se consolaram as duas amigas e, ligeiramente ruborizadas, os olhos no chão, passaram a cerca e entraram no jardim onde, através dos galhos reverdecentes e dos resinosos botões floridos dos castanheiros, o céu parecia ainda mais azul.

Foi uma tarde maravilhosa e quando Tine regressou à cidade, no lusco-fusco, não estava mais sozinha com a amiga. Foi acompanhada por um homem forte e bonito, que a tratava respeitosamente.

Desta vez, a loura Tine encontrara o homem certo. Era um mestre-carpinteiro que não precisava perder tempo à espera de um diploma para se casar. Ela, com algumas hesitações, insinuara a existência de um namoro, mas deu claramente a perceber qual era seu ponto de vista sobre a situação e as vagas perspectivas. O carpinteiro confessou que já a vira algumas vezes, antes desse domingo, que a achava muito desejável para companheira e que, no seu caso, não se tratava de um divertimento amoroso passageiro. Durante uma semana encontraram-se diariamente e, a cada dia que passava, a bela Tine gostava cada vez mais daquele homem; não tardou que discutissem tudo o necessário para o casamento e, daí em diante, consideraram-se e a todos os amigos se anunciaram como noivos.

Depois de alguns dias de excitação, que ela viveu como num sonho, sobre veio-lhe uma alegria calma, quase solene. E nesse tempo esqueceu tudo o que não dizia respeito à sua felicidade futura, inclusive a existência de um pobre estudante chamado Karl Bauer que, nesse ínterim, ficara esperando por Tine em vão.

Quando ela se lembrou do rapaz que desprezara, sentiu tanta pena dele que, no primeiro impulso, pensou esconder-lhe a novidade ainda por mais algum tempo. Mas, por outro lado, não lhe parecia correta essa atitude e quanto mais pensava no assunto mais este lhe parecia difícil. Temia falar francamente com Karl, pois ignorava a reação de que ele seria capaz, mas não via outro caminho senão esse, custasse o que custasse. E só então se apercebia de como fora perigoso o seu bem-intencionado jogo com o pobre moço. Em todo o caso, era preciso tomar uma decisão rápida, antes que, por portas travessas, Karl viesse a tomar conhecimento da nova situação. Tine sabia muito bem que despertara em

Karl Bauer, através de uma prelibação de amor, idéias e esperanças infundadas, e que o sentimento de burla poderia causar nele uma decepção capaz de envenenar, no futuro, um prazer de que não conhecera ainda o gosto.

Finalmente, em sua exasperação, Tine decidiu procurar Babett que, velha solteirona, não era a juíza mais indicada para julgar casos de amor. Mas a moça sabia que Babett gostava do estudante de Humanidades e se preocupava com seu bem-estar, e, assim, preferia mil vezes ouvir uma repreensão dela, a ter de se defrontar com o jovem apaixonado e seu ar de desamparado, seus lamentos e choros.

A repreensão veio, é claro. Após ouvir, atenta e calada, toda a história da moça, Babett franziu o cenho e bateu o pé, irritada, recriminando a faltosa com veemente indignação.

— Não me venhas agora com palavras bonitas! — exclamou Babett. — Fizeste dele simplesmente um bobo! — Para ti, Bauer não passou de divertimento, mais nada.

— Brigarmos agora não adianta, Babett. Se fosse apenas por divertimento não teria vindo à tua procura, nem estaria aqui confessando o que fiz. Olha que para mim não tem sido fácil.

— Ah, sim? E agora, o que é que estás imaginando? Quem tem de pagar por isso, hem? Eu, talvez? E quem vai sofrer mais é o rapaz, coitado.

— Eu também sinto muita pena dele. Mas tens razão. Vou falar com ele neste momento e contar-lhe tudo. Não penses que estou querendo me poupar. Quis apenas que ficasse sabendo de tudo para que pudesses ajudá-lo, no caso de vir a sofrer demais, nos próximos dias. Acho que isso podes fazer, não?

— Acaso poderia agir de outro modo? Mocinha tola, talvez aprendas alguma coisa com isso. Quando, por vaidade, se brinca com o destino de outras pessoas, o próprio destino se encarrega de nos dar um merecido castigo. Isso não te faria mal algum...

Desta conversa resultou que Babett ainda nesse mesmo dia promovesse um encontro dos dois jovens, no quintal, sem que Karl soubesse da sua cumplicidade. Foi à tardinha e o retalho de céu sobre o pequeno pátio ardia como uma tênue chama dourada. Mas no recanto junto ao portão já estava escuro e ninguém poderia ver os dois jovens.

— Tenho de te dizer uma coisa — começou Tine. — Tudo chega ao seu fim e hoje teremos de dizer adeus um ao outro.

— Mas... que houve? Por que me dizes isso?

— Porque tenho um noivo.

— Um... noivo?

— Fica calmo e primeiro me escuta, Karl. Gostaste de mim e eu não queria te rejeitar assim sem mais nem menos. És um bom rapaz e me penalizava a idéia de te causar uma decepção amarga. Mas sempre te disse, bem sabes, que não de vias me considerar o teu amor, não foi? Que ainda era muito cedo para pensarmos nessas coisas.

Karl ficou em silêncio.

— Não foi o que eu disse? — insistiu Tine.

— Sim, foi. E depois?

— Bom, agora temos de acabar e não deves levar o caso muito a sério. A cidade está cheia de moças, eu não sou a única nem a mais certa para ti. Estás acabando os teus estudos, em breve serás um cavalheiro e talvez um doutor.

— Não, Tine, não digas uma coisa dessas!

— Mas é a realidade e não pode ser diferente. Digo-te ainda mais: raramente encontramos o caminho certo quando nos apaixonamos pela primeira vez. Sei o que estou dizendo, Karl. Quando se é muito jovem, não se sabe ao certo o que se quer. Nunca sai coisa boa e, mais tarde, vê-se tudo diferente e reconhece-se o erro.

Karl queria responder, tinha muita coisa para argumentar, mas a emoção embargava-lhe a voz e não conseguia pronunciar palavra.

— Queres dizer alguma coisa? — perguntou Tine.

— Oh, tu nem sabes! Tu nem sabes...

— O que, Karl? O que é que não sei?

— Oh, nada. Tine! E o que farei agora?

— Nada. Vais ficar calmo. Isso não demora muito e depois estarás alegre de novo, te apaixonarás outra vez e ficarás contente por que tudo tenha acontecido assim.

— Tu podes falar, sim, tu falas...

— Eu apenas falo o que está certo e ainda verás que tenho toda a razão, mesmo que, no momento, não queiras acreditar. Sinto muito, Karl, realmente sinto muito.

— Sentes?... Tine... eu não quero dizer nada, pode ser que tenhas razão... mas que tudo tenha de terminar assim, tão de repente... tudo...

Karl não pôde continuar e ela colocou a mão sobre o ombro que tremia, convulsivamente, esperando em silêncio que o choro diminuísse.

— Ouça-me, Karl — voltou ela a falar, decidida. — Agora vais me prometer que te portarás como um rapazinho sensato...

— Eu não quero ser sensato! Eu quero é morrer, preferia estar morto a...

— Karl, não exageres assim! — disse Tine, já um pouco impaciente. — Escuta... não me pediste uma vez um beijo, te lembras?

— Eu sei.

— Então, se ficares agora bonzinho... Karl, eu não quero que no futuro penses mal de mim. Quero me despedir de ti sem mágoas. Se ficares bonzinho, hoje te darei um beijo. Queres?

Ele limitou-se a acenar afirmativamente, olhando-a desesperado. Tine acercou-se dele e deu-lhe um beijo calmo, sem avidez apaixonada, um beijo puro — dado e recebido com pureza. Ao mesmo tempo, pegou na mão do rapaz e apertou-a de leve. Depois, afastou-se rapidamente do portão e saiu.

Karl Bauer ouviu os passos dela pelo corredor até deixarem a casa e soarem na calçada. Ouviu mas pensava em outras coisas.

Pensava naquela noite em que uma loura e bonita criadinha lhe dera um tapa na cara. Pensava naquela noite, no começo da primavera, quando à sombra de um vão de escada, uma mão feminina lhe acariciara os cabelos, e o mundo lhe parecera encantado, e as ruas da cidade haviam ganho formas e cores de um reino fabuloso. Pensava nas melodias que tocara no violino para ela, naquela noite do casamento no subúrbio, com bolo de noiva e cerveja. Até que lhe parecia uma combinação grotesca, mas isso que importava agora? Tinha perdido o seu amor, fora enganado e abandonado. Ela lhe dera um beijo... um beijo! Ah, Tine, Tine!

Cansado, sentou-se num dos muitos caixotes vazios que estavam espalhados pelo pátio. O pequeno retalho de céu pôs-se vermelho, depois cinzento-prateado e, finalmente, apagou-se. Durante muito tempo ficou morto e escuro. Depois, uma tênue claridade anunciou a proximidade da lua. Karl Bauer continuava sentado no caixote, sua sombra alongava-se, negra e deformada, diante dele, sobre o empedrado irregular.

Bauer não chegara a penetrar no reino do amor. Limitara-se a dar-lhe uma espiada rápida, como um espectador que fica do lado de fora da cerca e tenta, na ponta dos pés, ver o que está acontecendo do lado de dentro. Mas isso tinha sido o bastante para que a vida lhe parecesse triste e sem valor, sem o consolo do amor de uma mulher. Seus dias decorriam agora vazios e melancólicos, mantinha-se arredio dos deveres e acontecimentos da vida cotidiana, sem interesse por alguém ou coisa alguma, como se pertencesse a um outro mundo. O professor de Grego

desperdiçou com ele algumas sensatas e úteis recomendações, a que ele ficou inteiramente alheio. Os quitutes da dedicada Babett tampouco adiantaram, e suas palavras de consolo e bem-intencionado estímulo passavam por ele sem causar efeito algum.

Uma repreensão muito severa do reitor, acompanhada de uma humilhante pena de reclusão no colégio, foi necessária para reencaminhar o desnorteado rapaz para o trabalho e o são juízo. Reconheceu que seria uma tolice sem nome ser reprovado logo no último ano de colégio, com a universidade a dois passos, depois de ter feito um curso distinto. Assustado, embrenhou-se nos estudos com redobrada fúria, ficando agarrado aos livros até altas horas da noite, cada vez mais curta com a chegada do verão. A exaustão mental foi o começo da cura.

Por vezes, Karl Bauer ainda passava pela Salzgasse, onde Tine vivera e não compreendia por que não a encontrava uma só vez que fosse. Mas havia uma boa razão para essa ausência. Pouco depois de sua última conversa com Karl, ela embarcara para sua terra natal, a fim de preparar o enxoval de noivado. Mas ele acreditava que Tine ainda ali estivesse e apenas fugia dele. Não queria perguntar por ela a ninguém, nem mesmo a Babett. Depois desses passeios, voltava para casa e, segundo estivesse mais irritado ou mais triste, tocava furiosamente violino ou colava a testa no vidro da pequena janela da mansarda e olhava, demoradamente, os telhados que se estendiam, fumegantes, além da cidade.

Apesar de tudo, fazia progressos em sua convalescença, que só Babett percebia. Quando se dava conta de que o rapaz tivera um dia ruim, ela subia e batia à sua porta. Sentava-se demoradamente, sem deixar transparecer que conhecia os motivos de seu sofrimento, e procurava distraí-lo. Jamais mencionava o nome de Tine e tratava de contar-lhe casos engraçados, pedia-lhe que tocasse o violino ou lesse algum conto, e nunca deixava de levar meia garrafa de vinho. Assim passavam uma noite tranqüila e, quando se fazia tarde, Babett levantava-se, dizia um maternal "Boa-noite, Bauer" e ainda lhe agradecia a bonita e distraída noite. Ele deitava-se então, mais sossegado, e podia dormir sem sonhos desagradáveis.

Assim, lentamente, ia o doente de amor recobrando seu antigo estado de espírito e alegria juvenil, ignorando que Tine, em suas cartas a Babett, perguntava freqüentemente por ele. Karl mostrava-se agora mais másculo e de idéias mais maduras; tinha recuperado nos estudos o tempo perdido e levava quase a mesma vida de um ano antes, só que não reiniciou sua coleção de lagartixas nem a criação de pássaros. As maravilhas da vida universitária absorviam boa parte de seu entusiasmo, sobretudo quando pensava que estava bem próximo de alcançá-las se

tudo corresse bem nos exames finais. E já antevia com prazer as próximas férias de verão. Soube por Babett que Tine abandonara a cidade havia muitos meses para tratar do enxoval e se a ferida ainda estava sensível, causando um leve ardor, no fundo já sarara e estava perto de cicatrizar totalmente.

Se nada mais tivesse acontecido, Karl conservaria uma grata recordação do seu primeiro amor e decerto nunca o esqueceria. Mas ainda haveria um breve epílogo, de que ele muito menos poderia se esquecer.

Oito dias antes das férias de verão, a alegre impaciência pela chegada desses meses de ócio e liberdade tinha dominado completamente seu espírito e liquidado as últimas chamas da antiga e incendiaria paixão. Já começara a preparar as malas e a queimar os antigos cadernos escolares. A perspectiva de longas caminhadas pelos bosques, dos banhos no rio e dos passeios de barco, das excursões despreocupadas, colhendo maçãs e framboesas pelos caminhos, descansando à sombra de uma árvore quando o apetecesse, causava-lhe uma excitação alegre como havia muito não sentia. Feliz, percorria as ruas quentes numa euforia inusitada e uma semana já transcorrera sem pensar em Tine. Qual não foi seu espanto quando, ao voltar uma tarde da aula de ginástica, deparou-se de súbito com Tine na Salzgasse. Estacou, estendeu-lhe embaraçado a mão e disse um "Boa-tarde" aflito. Mas, apesar da própria confusão, notou que a moça tinha um semblante perturbado e triste.

— Como vai, Tine? — perguntou Karl, sem saber se deveria dizer tu ou você.

— Nada bem — respondeu ela. — Queres me acompanhar um pouco?

Karl fez meia-volta e pôs-se a caminhar vagarosamente a seu lado, percorrendo a mesma rua onde, outrora, Tine se opusera vivamente a que os vissem juntos. Agora já não tem importância, pensou ele, visto que é uma moça comprometida e eu poderei ser considerado amigo dos noivos. Apenas para puxar assunto, perguntou como ia o noivo dela. Tine fez uma expressão tão dolorosa que Karl também ficou consternado, sem atinar com o que poderia ter havido de errado na inocente pergunta.

— Então ainda não sabes? — disse ela a custo. — Ele está no hospital e ainda não sabemos se poderá ser salvo... Caiu anteontem de um prédio em construção e ainda não recuperou os sentidos.

Continuaram a caminhar em silêncio. Karl procurou em vão alguma palavra consoladora. Parecia-lhe um angustiante pesadelo que,

agora, tivesse de caminhar pelas ruas, ao lado de Tine, e de sentir pena dela.

— Onde vais agora? — perguntou ele, por fim, já sem poder suportar mais o pesado silêncio.

— Vou outra vez para o hospital. Esta manhã mandaram-me embora porque não havia autorização para vê-lo. E eu não me senti bem... Talvez agora tenha mais sorte...

Karl acompanhou-a até ao imenso e silencioso hospital, que ficava entre jardins e altas árvores, e entrou com ela no apavorante edifício, cujos cheiros de remédio e desinfetantes o deixaram atemorizado e aflito.

Depois de falar com um enfermeiro, Tine dirigiu-se a uma porta numerada e entrou sozinha. Karl esperou no corredor. Era a sua primeira visita ao hospital e a idéia das inúmeras coisas pavorosas e dos sofrimentos insuportáveis que se escondiam atrás de todas aquelas portas numeradas e pintadas de cinza-claro encheu sua alma de pavor. Mal se atreveu a dar um passo, até a volta de Tine.

— Está um pouco melhor, dizem os médicos, e talvez recupere a consciência ainda hoje — informou ela, num murmúrio. — Agora voltarei lá para dentro. Adeus, Karl, e te agradeço por tudo.

Entrou de novo, suavemente, e fechou a porta, onde Karl leu, distraidamente, pela centésima vez, o número dezessete. Estranhamente excitado, saiu da lúgubre casa. A euforia anterior se apagara nessas poucas horas. Mas o que ele agora sentia não era mais o sofrimento de um antigo amor. Esse foi envolto e abafado por uma sensação muito mais ampla e profunda. Percebeu que seu sofrimento de renúncia era pequeno e ridículo, ao lado da desgraça cuja visão acabara de surpreender, ainda que de relance. E reconheceu também que as suas provações nada tinham de especial nem eram uma exceção dolorosa e insuportável, comparadas com as daqueles que considerara criaturas felizes. O destino se encarrega de desmentir os nossos juízos falsamente seguros.

Mas Karl ainda teria oportunidade de aprender outras e mais importantes coisas. Quando, nos dias seguintes, passou a visitar assiduamente Tine no hospital e, mais tarde, pôde também ver o paciente, imobilizado em seu leito mas já no caminho da recuperação, Karl teve mais uma experiência completamente nova.

Aprendeu ele que também o destino mais inexorável não é o poder máximo e definitivo e que as frágeis, doloridas almas humanas, mesmo sangrando de amargura, podem dominá-lo e vencer. Embora a vida do ferido estivesse salva, ainda os médicos não sabiam se sua sobrevivência seria feita à custa de uma vida condenada à paralisia e à

impotência. Mas, apesar dessa terrível ameaça, Karl Bauer via os dois infelizes consolarem-se na riqueza de seu amor, via a moça, cansada e consumida de dolorosas apreensões, permanecer de pé, irradiando luz e alegria à sua volta, e via o rosto emaciado do homem, apesar das dores, transfigurado num brilho de gratidão carinhosa. A visão daquela heróica luta contra o destino deixava Karl profundamente comovido.

As férias já tinham começado havia alguns dias, mas Karl permaneceu ainda na cidade, ate que a própria Tine o obrigou a embarcar.

No corredor do hospital, despediu-se da moça de um modo diferente e mais bonito do que aquela vez, no pátio da loja dos Kusterer. Karl pegou na mão dela e agradeceu-lhe, sem palavras. E Tine acenou-lhe um adeus, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces. Ele desejava-lhe tudo de bom na vida e, no seu íntimo, não desejava para si mesmo outra coisa do que, um dia, poder amar a ser amado daquela maneira sacrossanta pela qual a pobre moça e seu noivo haviam se unido.

1930